

JULIO CESAR DA VEIGA KETZER / DIVULGAÇÃO / CP



Número de cabeças pode ser aumentado em campos não ocupados pela expansão da soja e das florestas cultivadas

Rebanho de búfalos em busca de espaço

■ BRUNA KARPINSKI

Depois de crescer em grandes proporções em um período de 43 anos, de 1.596 cabeças em 1970 para um pico de 69.713 em 2013, segundo o Censo Agropecuário, o rebanho bubalino do Rio Grande do Sul vem passando por fase de estagnação, com pequenas oscilações, nos últimos cinco anos. Fatores contrários puxam os números para cima e para baixo e podem levar a uma nova tendência quando um deles conseguir se impor. A disponibilidade de terras tende a aumentar a presença da espécie nos campos gaúchos. Já o descarte de fêmeas e a falta de frigoríficos equipados para o abate podem conter a expansão.

Com o avanço da soja e do eucalipto na Metade Sul, onde está concentrado 80% do rebanho bubalino no Estado, a expectativa dos criadores é que haja ampliação do número de cabeças. “Os campos melhores estão sendo transformados em lavoura. A soja e o eucalipto jogam a pecuária para os campos piores, que é onde os búfalos se dão bem”, avalia o presidente da Cooperativa Sulriograndense de Bubalicultores (Cooperbubalo), Julio Ketzer. “O búfalo transforma campo de segunda em carne de primeira”, acrescenta. Outra vantagem é que estes animais contribuem com a manutenção dos campos naturais.

Mas apesar das boas perspectivas, dados da Secretaria da Agricultura e Pecuária (Seapa) mostram que o rebanho gaúcho diminuiu 8% de 2012, quando foram declaradas 66.008 cabeças, para 2014, quando os criadores declararam 60.529 animais. “Es-

tas pequenas oscilações devem-se ao descarte de fêmeas”, explica a veterinária Carla Lehueur, coordenadora da Câmara Setorial de Carne Bovina da Seapa, que também cita como motivo a disponibilidade de pastagens, conforme o ano, e as condições climáticas. O número de propriedades com criação de búfalo, porém, aumentou de 1.708 para 1.718 no mesmo período.

Os criadores avaliam que a diminuição do rebanho se deve à redução do número de frigoríficos aptos para o abate. “O animal é mais inquieto e tem a cabeça mais dura que os bovinos, por isso o abate é diferente”, explica Ketzer. O presidente da cooperativa destaca que para o abate humanitário, que prevê o bem-estar animal, é necessário um box de contenção específico para segurar o búfalo. “O equipamento é caro, nem todo frigorífico tem interesse em fazer o investimento”, avalia. No entanto, a Seapa informou que de 2012 até agora o número de estabelecimentos habilitados se manteve em 19 plantas.

O presidente do Sindicato da Indústria de Carnes e Derivados no Estado (Sicadergs), Ronei Lauxen, reconhece que não há um mercado cativo para a carne de búfalo, mas assegura que os frigoríficos absorvem a produção dentro das suas possibilidades. “Não há uma procura específica. Até há demanda, mas não em grandes volumes”, comenta.

Embora ainda não tenha decolado no Rio Grande do Sul frente à proporção do rebanho bovino, que tem 14 milhões de cabeças, a criação de búfalos tem algumas vantagens. Uma delas é o ciclo mais curto, que via-

biliza maior produção de carne em menos tempo. Enquanto 57% dos bovinos são abatidos com mais de 36 meses e 22% com 25 a 36 meses, segundo dados da Seapa, 38% dos bubalinos vão para o abate com idade entre 13 e 24 meses. “Quanto menor a idade do abate, maior será a taxa de desfrute”, destaca Carla, coordenadora da Câmara.

No Rio Grande do Sul, os bovinos têm taxa de desfrute de 15% e os bubalinos, de 22% – é pela taxa de desfrute que se mede a capacidade do rebanho de gerar excedente, ou seja, a produção durante certo período de tempo em relação ao rebanho inicial. O parâmetro é influenciado por fatores como raça, taxa de natalidade sistema de criação, idade ao abate e abate de fêmeas, por exemplo.

Em 2014, os criadores associados à Cooperbubalo encaminharam para o abate 5.084 cabeças, totalizando 969,3 mil quilos de carcaça com uma média de 190,5 quilos por carcaça. No Rio Grande do Sul, em 2014 foram abatidos 13.772 búfalos – queda de 6,5% se comparado ao número de abates em 2012, que fechou em 14.727.

A veterinária Cristiane Soares Simon Marques, doutoranda em Zootecnia e integrante do Núcleo de Estudos em Sistemas de Produção de Bovinos de Corte e Cadeia Produtiva (Nespro), acredita que um dos motivos para a redução do rebanho é o fato de que não há um incentivo ao consumo da carne de búfalo no Estado. “Os frigoríficos compram pouco e pagam 20% a menos em relação à carne de gado. A margem de lucro do produtor fica menor”, avalia.

Campereada

Paulo Mendes | pmendes@correiodopovo.com.br



A fazendeira (Parte 3)

A noite era escura. A Lua minguante às vezes alumia um pouco aquelas paragens lúgubres à beira da restinga grande. Ao pé do tarumã, uma nuvem envolvia seres esqueléticos que se arrastavam, grunhiam, choramingavam, imploravam com as mãos levantadas, ou o que pareciam ser elas, por salvação e piedade. A fazendeira, impávida, ergueu a cruz que carregava no bolso, proferiu algumas palavras e os fantasmas, amedrontados, desapareceram.

Os peões a tinham deixado sozinha. Eram supersticiosos e seus corações estavam infestados pelo medo. Ela havia dito para não olharem, que era tudo miragem, fruto da imaginação, mas eles não acreditaram. Então deu de mão na pá e na picareta e começou a cavar. Com a ajuda das lanternas e dos candeeiros a querosene observou um ponto mais escuro, perto da raiz-mestre da árvore e se concentrou ali. As horas passaram e finalmente a cavadeira bateu num grande jarro de barro. Com ajuda de uma alavanca comprida, ganchos e até de uma roldana, o retirou para fora. A tampa estava lacrada. A marretadas estourou o vaso e confirmou suas suspeitas. Dentro estavam intactos e brilhantes, correntes, colares, coroas, pingentes, moedas, crucifixos, diademas, braceletes, adagas, punhais e uma infinidade de joias e até algumas peças de prata e ouro de santos missioneiros. Lentamente, retirou um a um os objetos, acomodou-os dentro de um baú e depois os levou para o carroção pouco antes do amanhecer.

Era determinada, sem medo nem receio. Aquela área tinha sido um local de criação de gado dos padres jesuítas. Estes, logo após a morte de Sepé Tiaraju, defendendo os Sete Povos, juntaram o que puderam e se bandearam para o outro lado do grande rio. Muita coisa não puderam carregar e as enterraram pelo caminho. E agora parte desse tesouro estava nas mãos dessa mulher que nascera para o triunfo. Tinha fibra suficiente para encarar desafios, passar por cima de adversidades, tourear a sorte e beijar a morte na boca. “Não murcho nunca”, dizia só para contrariar a profecia da tia que a criara.

Agora, passados tantos anos, olha para o açude, vê a parrelha de cavalos preferidos e lembra daquela noite em que encontrou o tesouro missionário. Ficara ainda mais rica. Ganhara mais fama por toda a costa do rio, em outras regiões. Essa fama trouxe para si Zeca Negrinho, o domador. Era um sujeito zombeteiro, de melenas negras compridas, campeão de rodeio. Diziam que era tão bom ginete como amante ardoroso. Por isso, num domingo, ela o levou para casa. (Continua)

ARTE DE LUIZ OCTAVIO SOBRE FOTO DE PAULO MENDES



Cotações & Mercado

Dados do 9º levantamento de safra da Conab

BRASIL Produção (em mil toneladas)				RIO GRANDE DO SUL Produção (em mil toneladas)			
Produto	Safra 2013/14	Safra 2014/15		Produto	Safra 2013/14	Safra 2014/15	
Arroz	12.121,6	12.544,0		Arroz	8.112,9	8.624,8	
Feijão	3.453,8	3.274,8		Feijão	102,9	90,0	
Milho	80.052,0	80.208,4		Milho	5.717,0	6.173,0	
Soja	86.120,8	96.044,5		Soja	12.867,7	14.787,4	
Trigo	5.971,1	6.755,0		Trigo	1.516,2	2.549,4	
Área (em mil hectares)				Área (em mil hectares)			
Produto	Safra 2013/14	Safra 2014/15		Produto	Safra 2013/14	Safra 2014/15	
Arroz	2.372,9	2.312,2		Arroz	1.120,1	1.120,1	
Feijão	3.365,9	3.092,9		Feijão	65,9	55,8	
Milho	15.829,2	15.481,8		Milho	1.031,2	941,0	
Soja	30.173,1	31.902,4		Soja	4.939,6	5.216,0	
Trigo	2.758,0	2.504,1		Trigo	1.140,0	969,0	

Preços ao produtor (em R\$) – Emater

Produto	Unidade	Mínimo	Médio	Máximo
Arroz em casca	saco 50 kg	32,00	33,88	37,00
Feijão	saco 60 kg	80,00	129,44	180,00
Milho	saco 60 kg	20,00	22,60	27,50
Soja	saco 60 kg	56,50	59,66	65,50
Sorgo	saco 60 kg	17,20	18,75	20,30
Trigo	saco 60 kg	26,00	29,68	33,45
Boi gordo	kg vivo *	4,80	5,00	5,30
Vaca gorda	kg vivo *	4,40	4,57	4,80
Suíno	kg vivo	2,80	3,15	3,60
Cordeiro p/ abate	kg vivo *	4,20	4,63	5,20
Leite	lítro	0,70	0,83	0,94

Semana de 08/6/2015 a 12/6/2015 | * Prazos de 20 ou 30 dias



CARLOS QUEIROZ / CP MEMÓRIA